



“Foram os animais que começaram a fazer-me humana”: a ética animal em Mia Couto

Maria do Carmo Cardoso MENDES¹

Resumo

Este ensaio tem assim como propósitos centrais: 1. Identificar na obra de Mia Couto as mais relevantes simbologias do animal não humano; 2. Demonstrar que a estratégia antropomórfica utilizada recorrentemente pelo escritor procura dotar os animais não humanos de valores dos quais o ser humano se mostra carente; 3. Explicitar as potencialidades ecocríticas da obra de Mia Couto, uma das mais significativas, no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa; 4. Mostrar que a ética animal põe em evidência o compromisso do escritor com o seu continente e com as relações deste com o resto do mundo.

Palavras-chave: Ecocrítica. Mia Couto. Ética animal.

Abstract

The main purposes of this essay are: 1. To identify in Mia Couto's work the most relevant symbolisms of the non-human animal; 2. To show that the anthropomorphic strategy frequently used by the writer seeks to endow non-human animals with values that human beings show themselves to be lacking; 3. To highlight the ecocritical potential of Mia Couto's work, one of the most significant, in the context of Portuguese-speaking African literature; 4. To reveal that animal ethics exposes the writer's commitment to his continent and its relations with the rest of the world.

Key-words: Ecocrítica. Mia Couto. Ética animal.

1. O título deste ensaio toma de empréstimo um discurso da protagonista do romance do escritor moçambicano Mia Couto, *A Confissão da Leoa* (2021). Nele procuro evidenciar dois aspetos que definem inquietações e temáticas da obra coutiana: a relação do ser humano com os seres não humanos e a presença do feminino.

¹ Professora da Escola de Letras e Artes da Universidade do Minho; investigadora integrada do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

A extensa obra literária e ensaística de Mia Couto plasma uma ética animal que envolve uma necessidade de reflexão do ser humano com os universos vegetal e animal e, ao mesmo tempo, suscita uma leitura ecocrítica assente no deslocamento de um enfoque homocêntrico para uma perspetiva ecocêntrica.

Os animais da obra coutiana são metáforas de múltiplas realidades, nomeadamente a sabedoria, o respeito pela tradição, a violência das guerras (civil e colonial), a proposta de uma relação harmoniosa de todos os seres vivos.

Um exemplo da conflitualidade que põe em causa a harmonia é representado pela protagonista do romance de 2012 *A Varanda do Frangipani*.

Mariamar é, ao contrário de grande parte das mulheres negras em contexto colonial, uma mulher alfabetizada. A sua instrução formal começou no contacto com animais não humanos e foi depois desenvolvida numa escola de missionários. Foi o contacto com animais selvagens que lhe permitiu descobrir uma humanidade de que os humanos carecem – começando pelo próprio pai, que a violou:

Em Kulumaní², muitos se admiram da minha habilidade de escrever. Numa terra em que a maioria é analfabeta, causa estranheza que seja exatamente uma mulher que domina a escrita. E pensam que aprendi na Missão, com os padres portugueses. A minha escola, de facto, nasceu antes: aprendi a ler foi com os animais. As primeiras histórias que escutei falavam de bichos selvagens. Fábulas me ensinaram, a vida inteira, a distinguir o certo do errado, a destriñçar o bem do mal. Numa palavra, foram os animais que começaram a fazer-me humana (COUTO, 2012, p. 96).

Foram histórias protagonizadas por animais selvagens que possibilitaram a Mariamar construir uma pauta de valores e distinguir atitudes corretas de comportamentos incorretos.

Os animais representam, deste modo, uma metáfora de valores humanos. O mesmo acontece com diversas imagens que recorrem a animais para simbolizar a violência perpetrada sobre mulheres em comunidades rurais empobrecidas.

São três as metáforas principais que representam tal violência:

- “Todas as Manhãs a gazela acorda sabendo que tem que correr mais veloz que o leão ou será morta. Todas as manhãs o leão acorda sabendo que deve correr mais rápido que a

² Como nota Phillip Rothwell (2015, p. 200), “Kulumaní configura-se (...) como um lugar-símbolo do que está errado no Moçambique rural: a incapacidade de este espaço proteger ou, pelo menos, de não agredir as mulheres, perpetuada pela recusa em assumir e, consequentemente, discutir a violência doméstica, ainda que todos tenham conhecimento e consciência dela”.

gazela ou morrerá de fome. Não importa se és um leão ou uma gazela: quando o Sol desponta o melhor é começares a correr” (COUTO, 2012, p. 87).

A antinomia gazela-leão representa a desproporção física entre mulher e homem: a mulher sabe que é uma presa fácil, mas que a sua agilidade lhe permite ou, mais propriamente, a força a fugir para não ser atacada. A sobrevivência feminina depende, tal como a da gazela, da agilidade física para se evadir.

- “Um exército de ovelhas liderado por um leão é capaz de derrotar um exército de leões liderado por uma ovelha” (COUTO, 2012, p. 177);

- “Quando as teias de aranha se juntam elas podem amarrar um leão” (COUTO, 2012, p. 249).

Estas duas metáforas propõem às mulheres a união como forma de vencerem a violência masculina. Entre a fuga (representada na gazela) e a união (simbolizada no rebanho de ovelhas ou no grupo de aranhas) parecem estar os dois únicos caminhos para contrariar a força da agressividade masculina (simbolizada no leão).

Esta mesma mensagem é exposta no romance da escritora moçambicana Paulina Chiziane, *Niketche. Uma história da poligamia* (2001). Num contexto em que a poligamia é uma prerrogativa masculina, a protagonista sente que ela só pode ser contrariada pela união feminina: as mulheres que alinham no desígnio da protagonista revelam a determinação firme em contrariar uma ordem patriarcal estabelecida, na qual elas são o elemento mais débil, menos capaz de fazer ouvir a sua voz – isolada – e menos forte para resistir aos ditames de uma ordem social que as priva de direitos básicos.

No romance de Mia Couto, a selvajaria masculina representada na figura do leão é expandida à violência da guerra colonial, através de uma comparação: “Os leões fazem-me lembrar os soldados do exército português” (COUTO, 2012, p. 120).

Se as metáforas apresentadas simbolizam comportamentos humanos, isso significa que os seres não humanos e vegetais estão intrinsecamente associados, na obra literária de Mia Couto, à questão da identidade.

A busca identitária é crucial desde a estreia do escritor como poeta, na coletânea *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*.

Dois versos contidos no poema de abertura desta obra, significativamente intitulado “Identidade”, representam um desejo de comunhão com a Natureza, encarada pelo sujeito poético não como entidade fora do humano, mas dele fazendo parte: “Preciso de ser um outro

/ Para ser eu mesmo” (COUTO, 2014, p. 13). Expõe-se um desejo de metamorfose que é, ao mesmo tempo, uma busca ansiosa de comunhão com a natureza envolvente.

Esse desejo de transformação, tornado imperativo pelo uso da forma verbal “Preciso”, é explicitado nos versos seguintes:

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
O sexo das árvores (COUTO, 2014, p. 13).

Cada uma destas afirmações veicula um sentido de despojamento, de simplicidade identitária e de união com a elementos naturais: o grão, o vento, o pólen e o inseto.

Assiste-se na primeira obra poética de Mia Couto a uma busca ansiosa de fusão com elementos naturais, em expressões como “eu quero a ânsia da onda / o eterno rebentar da espuma” (COUTO, 2014, p. 48); “Quero ver / o fundo do mar / (...) / Quero ver / esse lugar / onde se não vê / para que / sem disfarce / a minha luz se revele / e nesse mundo / descubra a que mundo pertenço” (COUTO, 2014, p. 50); “quero calçar-me de terra / quero ser / a estrada marinha / que prossegue depois do último caminho” (COUTO, 2014, p. 83).

A ligação ao universo aquático e a formas de vida não humana e vegetal não é seguramente alheia à formação em Biologia de Mia Couto.

Sobre a relevância da formação biológica na sua vida, na sua carreira profissional e na sua obra literária dá conta o autor num texto inserido na coletânea de ensaios publicada em 2008 *E Se Obama fosse africano? Interinvenções*:

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas (COUTO, 2008, p. 17).

A confissão coutiana é uma valorização de valores ancestrais e daqueles que, como o velho Tuahir do romance *Terra Sonâmbula* (1992), os preservam. Aponta o valor de uma instrução não formal, mas crucial em contextos em que a existência humana depende da leitura do “livro da Natureza”.

No mesmo texto apresenta uma observação que suscita uma aproximação à Ecocrítica. O comentário orienta-se para uma proposta de abandono de uma perspetiva homocêntrica, sugerindo também ao ser humano um comportamento de humildade perante o que o rodeia:

A ideia de ‘meio ambiente’ pressupõe que nós, humanos, estamos no centro e as coisas moram à nossa volta. Na realidade, as coisas não nos rodeiam, nós formamos com elas um mesmo mundo, somos coisas e gente habitando um indivisível corpo” (COUTO, 2008, p. 23).

Estas observações não podem deixar de suscitar uma aproximação à obra de David George Haskell, *The Songs of Trees. Stories from Nature’s Great Connectors* (2017).

O biólogo norte-americano defende uma visão ecocrítica, suportada na interação entre o humano e o não humano, e assume o compromisso ético desta área dos Estudos Literários. Chama a atenção para a intervenção humana nos ecossistemas terrestres e vincula-se inequivocamente à orientação ética da Ecocrítica: “A nossa ética deve ser (...) de pertença, um imperativo tornado ainda mais urgente pelas muitas maneiras como as acções humanas estão a desgastar, a reformular e a romper redes biológicas por todo o mundo” (HASSELL, 2021, p. 15).

Em termos que recordam a busca de simplicidade proposta poeticamente por Mia Couto, afirma que a floresta “é o lugar onde a arrogância biológica morre: vivemos numa profunda ignorância da vida dos nossos primos”.

O desconhecimento das infinitas redes que a Natureza constrói encontra-se também em Mia Couto, ora na primeira confissão citada, ora na visão de um rio em África: “Habituados a olhar as coisas como engenhos, esquecemos que estamos perante um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança” (COUTO, 2008, p. 55).

As trocas a que se refere o escritor moçambicano equivalem às redes do texto de David Haskell.

A brutalidade da colonização portuguesa até 1975 e da guerra civil moçambicana, e a interferência humana predatória no território africano (dominada pela extração de recursos naturais, pela caça selvática e pela desflorestação) explicam a necessidade de Mia Couto em humanizar a vegetação e os animais não humanos. É por essa humanização que passa um desejo que o escritor vem reiterando ao longo dos anos: o desejo de “reencantamento do mundo”.

No romance *A Varanda do Frangipani*, um diálogo entre duas mulheres – uma negra e uma branca – revisita a narrativa da criação do mundo e, nas palavras da personagem africana, reconstrói esse mito. A releitura do mito do Génesis estabelece uma relação harmoniosa (que o termo “irmãos” consolida) entre animais humanos, animais não humanos e criaturas vegetais:

E lhe contei sobre a origem do antigamente. Primeiro, o mundo era feito só de homens. Não havia árvores, nem animais, nem pedras. Só existiam homens. Contudo, nasciam tantos seres humanos que os deuses viram que eram de mais e demasiado iguais. Então, decidiram transformar alguns homens em plantas, outros em bichos. E ainda outros em pedras. Resultado? Somos irmãos, árvores e bichos, bichos e homens, homens e pedras. Somos todos parentes saídos da mesma matéria. (COUTO, 1996, p. 69).

Nesta narrativa sobressai o princípio de irmandade entre todos os seres da criação: o homem, primigeniamente única criatura, foi metamorfoseado em árvores, pedras e animais. Soube com eles estabelecer relações de solidariedade e foram elas que permitiram a criação de um universo edénico.

A releitura do mito bíblico da criação humana coloca humanos e não humanos no mesmo nível, numa identidade partilhada, ao mesmo tempo que procura demonstrar que o ser humano não é o centro do mundo, tão só um dos seus elementos.

Numa perspetiva antropocénica, História natural e História humana estão interligadas.

O mesmo se verifica no que respeita a inquietações com a exploração de recursos: em África, para Mia Couto; na floresta amazónica, para David Haskell.

As Canções das Árvores analisam os efeitos da extração exaustiva de petróleo em grande parte da Amazónia Ocidental e as relações de domínio que colonizadores ocidentais estabeleceram com grupos indígenas. Conclui que os ocidentais “projetam as suas idealizações nos grupos indígenas, não reconhecendo que todas as culturas se modificam, que todas as culturas são modernas, quer tenham raízes na Amazónia ou em Atenas” (HASSELL, 2021, p. 43).

Mia Couto observa os mesmos efeitos devastadores da interferência humana nos ecossistemas. Torna-se especialmente relevante a alusão a um aluimento de terras, ocorrido no monte Tumbine, na Zambézia, em 1998, na sequência de maciças desflorestações que fragilizaram os solos e os tornaram muito vulneráveis. Os efeitos imediatos traduziram-se na morte de cerca de uma centena de habitantes das zonas próximas e na deslocação de povoações para outros territórios.

Não poderá deixar de ser recordada, a este respeito, a dramática observação do escritor indiano Amitav Gosh, em *The Great Derangement. Climate Change and the Inthinkable*: “My ancestors were ecological refugees long before the term was invented” (GHOSH, 2016, p. 3). Nascido em Calcutá, em 11 de julho de 1956, Ghosh experimentou na primeira pessoa desastres ambientais que afetaram o seu país natal: entre catástrofes naturais e aquelas que foram provocadas por interferência humana, o escritor conhece o estado ambiental do seu país e, tal como Mia Couto, assume literária e ensaisticamente o propósito de suscitar uma reflexão sobre a relação entre humanos e não humanos.

2. Duas notas centrais decorrem desta reflexão sobre a presença de animais não humanos na obra de Mia Couto:

Primeira nota: no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, em termos específicos, e das literaturas africanas, em termos mais globais, as questões ambientais são bastante recentes. Defendia William Slaymaker no princípio do século XXI que “global ecocritical responses to what is happening to the earth have had an almost imperceptible African echo” (SLAYMAKER, 2001, p. 138).

Os escritores africanos mostraram-se naturalmente mais preocupados com questões coloniais e pós-coloniais. As inquietações ambientais, com frequência associadas a denúncias de dominação de indígenas e de extração descontroladas de recursos naturais e perseguição de espécies animais, tornam cada vez mais relevante o compromisso dos escritores africanos.

No que concerne às literaturas africanas de língua portuguesa, escritores como os angolanos Pepetela e Agualusa, e o moçambicano Mia Couto representam na atualidade vozes cada vez mais empenhadas em questões ambientais. O caso do angolano Pepetela é particularmente acutilante, porque a sua reflexão sobre a depredação ambiental é exposta quer numa narrativa apocalíptica, *O Quase Fim de Mundo*, quer em fábulas como *Parábola do Cágado Velho* ou *A Montanha da Água Lilás*.

Segunda nota: a proposta literária e ensaística de Mia Couto não passa pela defesa do domínio da natureza, mas sim da sua compreensão. Os animais metaforizam com frequência valores humanos de que os seres humanos se revelam destituídos. É uma reflexão sobre tais valores que o escritor moçambicano propõe aos leitores de todos os continentes.

Referências

COUTO, M. **A varanda do Frangipani**. Lisboa: Caminho, 1996.

Rile/Jile – An International Peer

Reviewed Journal

BRA, n.10, vol.1, p.33-40, Junho-Julho, 2022

- _____. **E se Obama fosse africano.** Lisboa: Caminho, 2008.
- _____. **A confissão da Lea.** Lisboa: Caminho, 2012.
- _____. **Raiz de orvalho e outros poemas.** Lisboa: Caminho, 2014.
- GHOSH, A. **The great derangement:** Climate change and the unthinkable. University of Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- HASKELL, D. G. **As canções das árvore:** Histórias sobre as grandes redes da natureza. Lisboa: Gradiva, 2021. [2017].]
- ROTHWELL, P. **Mia Couto:** Aspetos de um pós-modernismo moçambicano. Coimbra: Almedina, 2015.
- SLAYMAKER, W. Echoing the Other(s): The call of global green and black African responses. In: **PMLA**, 116, p. 129-144, 2001.